



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea

Lammas .. Agosto de 2016 .. nº 208



Lughnassadh ou Lammas, o Festival da Colheita

Textos de Mirella Faur compilados por Vera Pinheiro

Seguindo a Roda do Ano europeia, o Sabbat celta Lammas ou o Blot nórdico Erntefest ou Freyfaxi comemoram a colheita, realizada com as bênçãos da terra, das pessoas, dos animais e entregando oferendas para os deuses, em sinal de gratidão. Das primeiras colheitas de grãos (trigo, centeio, cevada, aveia, milho) antigamente assavam-se pães, que eram repartidos com alegria na comunidade. Essa é a origem do nome da celebração: Loaf Mass ou Hlafmass – “a festa do pão”. Celebrado no primeiro dia – ou na Lua cheia – de agosto, era uma celebração de agradecimento pela colheita e pelo pão.

Fazer pão é uma das artes mais antigas que se conhece; restos calcificados de pão, feito com sementes esmagadas, foram descobertos em grutas da Idade da Pedra. A invenção da cerâmica revolucionou a preparação do pão, que foi assumindo enorme variedade de formatos e tipos de preparação, dependendo do lugar e da cultura de origem.

Durante milênios, o pão foi a comida essencial e a base da sobrevivência física, tornando-se sinônimo de alimento e símbolo sagrado, ao qual se atribuíam poderes mágicos e curativos. Ele era usado para proteção contra ataques psíquicos, para curar

doenças, firmar pactos e compromissos, selar juramentos, abençoar a casa e os campos, comemorar alianças, uniões e tréguas nos conflitos e celebrar a paz.

A sacralidade dos grãos remonta aos primórdios da humanidade, por isso uma festividade muito importante e comum a todos os povos antigos era a festa da colheita, celebrada no *Lughnassadh* (pronuncia-se Lunasá) ou *Lammas*, o primeiro dos três festivais celtas da colheita, em homenagem ao deus solar Lugh. Consorte da deusa da terra Danu, Lugh “morria” no momento da colheita dos grãos e era “enterrado”, no plantio das sementes, para poder renascer nas próximas colheitas.

No mundo antigo, havia outras celebrações da colheita, como a Cereália, em Roma, dedicada à deusa dos grãos Ceres; a “Dança do Milho”, dos nativos norte-americanos; comemorações para a deusa Ísis, no Egito e para os deuses: Dagon, na Fenícia; Dumuzi, na Suméria; Attis, na Anatólia; Tammuz, na Assíria, Lleuy Llaw Gyffes, na Irlanda; Netuno, em Roma, e Thoth, no Egito.

Cada um desses deuses morria e renascia, havendo sempre uma mãe ou consorte para pranteá-lo, apesar de ela ser, às vezes, a causadora de



sua morte. Nos mitos, é evidente o tema do casamento do Deus e da Deusa e seu sacrifício posterior, simbolizado na morte da natureza e na colheita dos grãos. Enquanto do ventre da Deusa nascem colheitas de grãos e frutas, o Deus se funde aos grãos e, ao ser sacrificado, entra no mundo subterrâneo. Apesar da abundância reinante, a atmosfera é de luto, pois a Deusa e a natureza lamentam a morte anual de Deus. Mesmo sendo um festival que honra a morte, Lughnassadh representa a alegria, anunciando o renascimento do Deus em Yule. A vida se torna a morte e a



morte torna-se a vida, o mistério eterno da criação.

Lammas era o nome anglo-saxão deste Sabbat, que significava “A Missa do Pão”, representando o mito do “Rei dos Grãos” que morre com eles para alimentar e preservar a vida. Na Roda do Ano, Lammas se opõe a Imbolc, representando a Deusa como Mãe dos Cereais. Nos países celtas e eslavos, das últimas espigas de trigo ou milho, confeccionavam-se as figuras das “Mães dos Grãos” ou Corn Mothers, em cujas efígies acreditavam que permanecia a essência da Deusa, as bonecas sendo guardadas para serem enterradas ritualisticamente nos plantios da próxima primavera, para garantir a fertilidade da terra e a abundância das novas colheitas.

O pão – antes redondo – passou a ser enrolado em roscas e tranças, para substituir os cabelos que as mulheres costumavam oferecer à Deusa, e usado como símbolo de união entre os homens e as divindades.

Muitos séculos antes da Eucaristia cristã e da adoção da hóstia, o pão era a representação da vida originada do ventre da Mãe Terra e por isso honrado como Seu filho (era um sacrilégio desperdiçar ou jogar fora o pão, não comê-lo até o fim ou usá-lo de forma pejorativa). O vinho representava o sangue da Mãe ou do Seu filho, personificado pelos grãos, sacrificado no ato da colheita e ofertado como doação para nutrir os seres humanos, que eram gratos por esse sacrifício sempre renovado.

O mês de agosto (final do verão no hemisfério Norte) era consagrado à “Deusa que dá a vida e nutre a todos”, que correspondia à deusa romana Juno Augusta.

Com o passar do tempo, o festival sagrado da colheita tornou-se uma comemoração mais profana, incluindo competições esportivas, feiras de produtos agrícolas, leilões de animais (às vezes até mesmo de noivas, em função de seus dotes) e consultas oraculares.

Nos círculos de mulheres, neste Sabbat, celebra-se a conexão com a natureza e com todos os seres da criação. A Deusa é reverenciada em seu aspecto de “Mãe dos Grãos e Senhora dos Animais”, celebrando-se os resultados das energias movimentadas no solstício de verão.

A comemoração da colheita é um ato ancestral sagrado e uma oportunidade para reverenciar, no Festival da Gratidão, as inúmeras faces da Deusa dos Grãos. As deusas relacionadas a este Sabbat são as Senhoras dos cereais, dos animais e da abundância, como Abundita, Ártemis, Bast, Bau, Braciaca, Ceres, Chicomecoatl, Danu, Deméter, Epona, Gaia, Habondia, Mawu, Odudua, Pales, Spes, Surabhi Reia, Tailtu, Tonantzin, “A Mãe do Milho”, “A Mulher que Muda” e “A Mulher Amarela”, entre outras.

Os elementos ritualísticos são os símbolos da colheita e principalmente a “Mãe dos Grãos” e a “Roda do Sol”, confeccionadas a partir das espigas e palha de milho, enfeitadas com fitas de cor amarela, laranja, verde e marrom. As velas são laranja, dourada e verde; o incenso e o óleo essencial são de sândalo, louro, alecrim, flor de laranjeira ou calêndula. O altar é decorado com frutas cítricas, produtos da terra (espigas, tubérculos e verduras), representações do Sol e dos animais totêmicos (leão, águia, salmão e galo), objetos dourados, flores ou sementes de girassol e abóbora e miniaturas de ferramentas agrícolas.

Fazem-se oferendas de grãos para a fogueira – simbolizando o Sol – e para a Mãe Terra, grãos de milho, sementes de girassol ou pedacinhos de casca de laranja, mentalizando os resultados de sua colheita ou as promessas do próximo plantio. É uma data propícia para a bênção dos animais de estimação, invocando a “Senhora dos Animais”. Comemora-se com pão assado na fogueira, bolo de milho, canjica, torta de cebolas, arroz doce, cerveja, chá de ervas ou de noz moscada com cravo, cardamomo e canela.

O tema para meditação é a avaliação realista da colheita pessoal, contando os sucessos e os fracassos. Avalie também tudo aquilo que você deveria abrir mão ou rejeitar, limpando assim, a terra e guardando novas sementes para novos plantios.

A magia da gratidão

por Vera Pinheiro

Lammas, também chamado Lughnasadh, é o tempo da colheita e da celebração dos frutos do mistério da Natureza, e de dar graças pela generosidade da Deusa em seu aspecto de Rainha da Terra. Festa da primeira colheita, é o momento de agradecer aos Deuses por tudo o que colhemos, expressando a nossa gratidão por tudo o que vivemos, seja bom ou nem tanto, pois tudo na vida faz parte do nosso caminho evolutivo.

Não se pode ser feliz sem conhecer a gratidão. Aliás, a felicidade é a expressão da gratidão em sua exuberante alegria e no extremo contentamento que a alma experimenta. Gratidão deve fazer parte da nossa rotina por toda a vida, todos os dias, de hora em hora e a cada minuto, pois é um sentimento renovador de esperanças e, ao mesmo tempo, um incentivo a novas conquistas e vitórias no cotidiano.

A começar pelos pais, devemos ser gratos por todos os que passam pela nossa vida, até mesmo os que nos parecem desinteressantes ou não merecedores de nossa gratidão, nisso se incluindo os desafetos e inimigos, bem como quem nos aborrece com a sua presença e nos causa alívio quando se ausenta. Agradeçamos em vez de julgar, e sentiremos fluir nas veias a bênção divinal por esse gesto.

Tenhamos gratidão por todos os bens a nosso dispor, e tudo é muito farto, basta olhar em volta e agradecer. O amor da Mãe Terra por nós é tamanho que a vida diariamente acorda em raios de luz, festejando o amanhecer de um novo dia, e nos oferta luas e estrelas na primavera, verão, outono e inverno. Embora sofra com a ação irresponsável de seus filhos, a Natureza se doa constantemente em flores e frutos, sementes e colheitas, animais e plantas, terra, água, fogo e ar. Mesmo que não descubramos qualquer outro motivo igualmente grandioso para nos alegrarmos, agradeçamos pela amorosa doação da Grande Mãe.

O que nos acontece precisa de nossa gratidão também. Ainda que não compreendamos uma sucessão de acontecimentos que dilaceram as emoções e racham feridas em nosso ser mais profundo, agradeçamos! Nada é em vão, mesmo que não alcancemos de imediato o significado e a razão dos fatos. Em estado de gratidão, entreguemos as amarguras ao tempo, que traz entendimento,



aceitação e faz serenar as dores, adormecendo-as lentamente até que elas saiam do foco de nossa atenção. O decurso do tempo nos desvia do sofrimento permanente pela lembrança viva do que doi.

Pelos amigos e por amores, tenhamos muita gratidão! Os relacionamentos são luzes brilhantes que se acendem no caminho, e nos abençoam com crescimento e evolução. Mas não somente a esses. Agradeçamos aos que nos açoitaram o coração e o feriram, os que traíram a nossa confiança e estima, a quem não retribuiu na mesma medida e com igual sinceridade o amor e a amizade que devotamos. Todas as pessoas que cruzam por nós têm um propósito que, às vezes, sequer elas sabem, pois esse assunto está no conhecimento restrito do amor divino, do qual jamais devemos duvidar. Quem nos ajuda a ser feliz merece a melhor gratidão, mas não sejamos menos gratos com quem nos mostra a verdadeira essência que nos habita e que se revela quando de algum modo somos machucados.

De manhã à noite, sempre que respirarmos, manifestemos a nossa gratidão por todos, por tudo e pelo Todo a que estamos integrados em unidade. Nossos passos estão cadenciados com o ritmo do caminhar de cada um nas veredas da espiritualidade. Cultivemos a gratidão por ser quem somos e a cada ser por aquilo que ele é. Gratidão sem fronteiras nem limites, sem medidas nem condicionamentos. Em extremado e gentil amor, agradeçamos sem julgar o merecimento. Gratidão! Gratidão! Gratidão! Essa é a grande magia do Sabbat Lammas.

Expediente Jornal Deusa Viva
Edição e Diagramação:
Cristiane Madeira Ximenes e Stella Matta Machado
Textos: Maria Amaziles, Mirella Faur e Vera Pinheiro
Imagens da Rede Mundial de Computadores
Informações: www.teiadethea.org
Inês Souza: (61) 98233.7949



Próximo Ritual
Celebração da Noite de Hécate
Data: 13 de agosto de 2016, às 20h
Somente para mulheres

Os rituais da Teia de Thea acontecem na UNIPAZ - Brasília/DF
Energia de troca: R\$ 15,00
Não é permitida a entrada após o início do ritual



Posta-restante

por Maria Amaziles

Maria,

O girar da grande roda leva você novamente a tecer as palhas da gratidão, expressando sua conexão comigo em outra boneca. O sabor do pão se adivinha no aroma agradável que invade o ambiente, em alegre anúncio de uma mesa farta, a ser compartilhada por todas as suas relações.

A música e os tambores reafirmam o reconhecimento pela generosa colheita, mas é importante que também seja o momento de se olhar com sabedoria para tudo o que germinou à sua volta, evitando a armadilha de atribuir valor a ilusões. Aquiete seu coração para identificar o que irá permanecer, não importa quantas vezes os ciclos se revezem. Não se deixe arrebatado pela fumaça brilhante dos espelhos, que enchem de brumas o seu caminho de volta para casa, desviando o seu olhar do que de fato existe, conectando você com a morte. E que no seu celeiro somente permaneça o que te pertence sem a necessidade de usurpar nenhum direito, sem se prevalecer às custas do sofrimento e da perda de qualquer criatura.

Ao constatar que o Sol traduziu a vida em preciosos frutos no seu caminho, reconheça que não existe semente que não sirva ao meu propósito. Os fatos não são bons nem maus. O valor e a utilidade que atribuímos a eles é que fará a diferença. Por isso você pode se permitir agradecer por tudo e, oferecendo cada pensamento à luz, saber que isso os coloca a serviço do propósito divino.

Filha querida, receba sem reservas as bênçãos que destino a você, sinta-se merecedora. Deixe que a culpa e a tola obrigação dos sacrifícios se transmutem nas chamas da fogueira, lembrando que a você eu ofereço amor em abundância, sempre.

Em generosas bênçãos de amor,

Aquela que é. 



Prece à Matriarca da Oitava Luação
"Aquela que serve à verdade e cura os filhos da Terra"

por Vera Pinheiro

Mãe, Guardiã das Artes de Cura,
Ensina-me os poderes das plantas, das ervas e das árvores
Para curar os males do meu corpo e as dores da minha alma;
Revela-me a magia da tua sábia natureza para mais me conhecer
E assim poder ver-te em mim e melhorar o que posso ser contigo;

Mãe Curadora,
Toma em tuas mãos as minha angústias, mágoas e aflições
E me encoraja a superar todos os desafios que encontrar,
Dá-me o teu amparo sempre que eu necessitar
E que jamais me falte o teu resguardo e a tua proteção;

Mãe, Guardiã dos mistérios da vida e da morte,
Faz-me compreender quem sou em cada um dos ciclos que tiver,
E que eu saiba morrer e renascer em cada rito de passagem que viver;
Harmoniza-me com a vida ao meu redor, com tudo o que criaste,
Para que eu me sintonize com todas as tuas sagradas criações;

Mãe Condutora das Almas,
Tu que acalmas as incertezas, alivia as dúvidas do meu coração,
Eleva-me sobre as turbulências cotidianas e
Indica-me o melhor caminho para a minha evolução.